

ESCREVIVÊNCIA E OLHARES DECOLONIAIS EM “DUZU-QUERENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Diana de Almeida Bini de Jesus, Pedagogia;
Ludmila Vitória Soares, Letras;
Mestrandas do Programa de Mestrado Interdisciplinar Sociedade e
Desenvolvimento, UNESPAR/Campus de Campo Mourão.

Introdução

O presente estudo tem como finalidade exibir uma interpretação crítica do conto “Duzu-Querença”, que compõe a coletânea *Olhos d’Água* (2014), da escritora Conceição Evaristo, sob a perspectiva dos Estudos Culturais e da Decolonialidade. Os Estudos Culturais têm a sua origem na Grã-Bretanha a partir de aulas noturnas para a classe trabalhadora. A produção cultural antes desta corrente era restrita apenas à elite, com a mudança deste paradigma a arte e a cultura passaram a ser acessíveis às pessoas marginalizadas. Cevalco (2009) salienta que “o diferencial dos Estudos Culturais é que se propõe a ver produção cultural e modo de vida social como diferentes manifestações de um mesmo impulso” (Cevalco, 2009, p. 322). Com o advento dos Estudos Culturais novos estudos surgiram, como a Decolonialidade, que investiga como os impactos oriundos pelos colonizadores, ainda se perpetuam atualmente nos países que foram colonizados.

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo (Quijano, 2005, p.126).

Nesse sentido, Quijano (2005) ressalta que há resquícios da colonização em que o pensamento eurocêntrico, ainda opera no Brasil e em outros países colonizados. Atualmente, no Brasil, o colonialismo permanece no segmento cultural e artístico. Em consequência, os grupos minoritários, não possuem aquisição dessas manifestações culturais de elite, e são limitadas aos ricos que preservam o *status quo*¹ presente. A decolonialidade propõe a ruptura desse padrão, interpelando a perspectiva eurocêntrica para estimular outras maneiras de pensar e expressões artísticas/ culturais.

Materiais e métodos

Estes escritos são oriundos de uma pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, a partir do conto “Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo. Para a execução deste trabalho,

¹ Termo em latim que significa “o estado das coisas”.

utilizamos as correntes dos Estudos Culturais e nos Estudos Decoloniais, por meio de uma relação entre a bibliografia selecionada e o conto em um olhar crítico.

Resultados e Discussão

A historicidade que decorreu da escravização no Brasil deixou diversos resquícios significativos. A marginalização presente na sociedade com a segregação que persiste desde o regime colonial, como é o caso dos grupos de minorias sociais que necessitam a reivindicação do seu lugar de fala, em que a escritora Djamila Ribeiro (2023) o determina como: “Pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (Ribeiro, 2023, p. 89). A inexistência do local de fala de grupos excluídos socialmente, colabora para a subalternização dessas pessoas, o que acarreta, como consequência, na privação de direitos básicos, como inserção no mercado de trabalho, ingresso à educação formal de qualidade, assistência à saúde e a uma vida com dignidade.

Na atualidade, ocupar um lugar de fala implica em cessar com o ciclo do apagamento histórico, sendo crucial resgatar e relatar essas memórias para que as futuras gerações que estão por vir não reproduzam os erros das gerações passadas. A escritora Conceição Evaristo criou o vocábulo *escrevivência* para simbolizar, pela literatura de ficção, o cotidiano de grupos historicamente excluídos. Primeiramente, o conceito foi correlacionado às mulheres negras que, embora destituídas desse protagonismo e impedidas de ter voz própria, contavam histórias às crianças das famílias ricas da elite branca brasileira, frequentemente como forma de fazê-las adormecer:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das **mulheres negras**, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos (EVARISTO, 2020, p.30, grifos nossos).

Sob essa perspectiva, no conto “Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo, a protagonista Duzu, uma senhora negra, que começa o conto, convivendo na condição de desamparo social, como sem teto nas escadarias de uma igreja. Nutrindo-se de sobras e sendo alvo de olhares de desdém, visto que indivíduos em condição de subalternidade social são, frequentemente, alvos de um apagamento sistemático. Essa situação de sucessivas inumanidades estão evidentes ao longo do conto, que a decolonialidade nomeia de matriz colonial de poder:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho (Evaristo, 2014, p.31).

A figura central, a protagonista, ao lembrar de recordações de infância, rememora-se a família e a expectativa que o patriarca mantinha ao chegarem à nova localidade. Ao receber uma proposta de emprego para a filha, o pai, movido pelo anseio de ofertar um futuro promissor, aprova a oferta. É nesse instante em que ocorre o clímax, o eixo central do conto, pois as inúmeras violências iniciam-se. Ao adentrar onde seria seu trabalho, Duzu depara-se com um casarão repleto de quartos e ao longo dos dias, percebe que trata-se de um bordel. A Duzu é submetida a inúmeras violências simbólicas que, Bourdieu (1997), define como “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer” (Bourdieu, 1997, p. 16). Dona Esmeraldina é a proprietária da casa de prostituição e a patroa que ofereceu o emprego a Duzu. A menina principiou sua vida na prostituição, sem a plena consciência do que estava ocorrendo. A Esmeraldina instruiu que Duzu batesse nas portas dos dormitórios, porém em um “entrar - entrando²”, acabou introduzida na prostituição infantil. Em consequência, o corpo da menina foi transformado em uma mercadoria. A menina foi abusada por um homem branco, que efetuava o pagamento à Dona Esmeraldina.

A prostituição não pode ser caracterizada como um trabalho comum. Ela existe pelo fato de uma classe pagante tornar a mulher objeto de prazer, e esta por sua vez, que é fruto de uma pobreza crônica, sujeita-se. Algumas mulheres optam pela prostituição, mas de uma forma geral, são poucas que têm autonomia de si mesmas, na medida em que a subjetivação da sua identidade é socialmente transformada (Rebolho, 2015, p. 194).

A partir desse episódio a menina Duzu, compreendeu, qual seria a sua trajetória de vida e a condição de subordinação na sociedade. Neste cenário, sobrepõem-se às opressões interseccionais determinadas pelo racismo, sexismo, classicismo e ao ficar idosa, o etarismo. Duzu, habitua-se às sucessivas violências que se tornam recorrentes em sua vida: “Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida” (Evaristo, 2014, p.34). A violência transgride o campo simbólico e agora se materializa tornando-se também física.

É relevante frisar que Duzu, ainda menina, foi subordinada à prostituição, tornando-se alvo de cobiça e refém de abuso, com a inocência de uma criança interrompiada e explorada.

² Entrar-entrando é um pleonasma para enfatizar que a personagem entrou sem bater na porta.

Com o declínio da juventude e a perda da desvalorização do seu corpo enquanto mercadoria, a personagem tornou a viver em vulnerabilidade como moradora de rua, em um quadro de saúde frágil ao conviver com a AIDS uma doença sexualmente transmissível contraída em decorrência de relações sexuais com ausência de métodos preventivos.

De acordo com o Ministério da Saúde (2025), o HIV é um vírus em que o sistema imunológico é afetado e em consequência, a defesa do organismo fica vulnerável a outras doenças, caso não trate, o vírus do HIV evolui para a AIDS, o avanço faz com que o sistema imunológico fica em estado ainda mais grave, gerando um maior enfraquecimento, podendo aparecer, até mesmo o câncer de alguma parte do corpo. Duzu, já idosa, estabeleceu-se em uma favela com sua família composta por filhos e netos. As violências permaneciam, mas incidiam em seus descendentes, que sofrem marginalização em decorrência do racismo estrutural. A insegurança alimentar e a escassez eram constantes na família de Duzu.

A marca das múltiplas violências sofridas e as intempéries da vida que a mesma possui intensificam-se quando um de seus netos perde a vida prematuramente: “Duzu entrou em desespero no dia em que soube da morte de Tático. Ele havia sido apanhado de surpresa por um grupo inimigo. Era tão novo! Treze anos. Tinha ainda voz e jeito de menino. Com a morte de Tático, Duzu ganhou nova dor para guardar no peito” (Evaristo, 2014, p.35).

Duzu vislumbra, na neta Querença — personagem que dá título ao conto junto da avó — os sonhos que foram invisibilizados pela escassez de oportunidades. Em contraste e em uma simbologia na vida sofrida de Duzu, o último dia de vida da personagem é em um desfile de carnaval, ala das baianas, vinculando-se à sua ancestralidade e rememorando os familiares dos quais foi apartada após ser forçada à prostituição. No decorrer do desfile, ela vem a óbito. Querença, diante da notícia, resgata as histórias e traumas vividos pela avó, como o falecimento do primo e a escassez de alimentos. O conto finaliza no mesmo local onde iniciou: a escadaria da igreja. O conto apresenta a vida cíclica de uma pessoa em vulnerabilidade e invisibilidade social. Nesse sentido, é possível verificar que Duzu-Querença retrata a interseccionalidade entre raça, classe e gênero.

Considerações finais

Para concluir, a perspectiva Decolonial em conjunto com os Estudos Culturais, concede uma pesquisa com um olhar atento às questões de raça, cultura e sociedade que estão materializadas no conto como uma forma de denúncia aos invisibilizados. O conto de Conceição Evaristo é capaz de produzir arquétipos de crianças e mulheres encontradas na sociedade em que vivemos. As múltiplas opressões sofridas pela personagem Duzu são reflexos de marcas deixadas pela colonização. Dessa forma, existe a urgência de políticas

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

afirmativas eficazes, com leis rigorosas para ampliação de canais de denúncias, já que por sua vez, muitas vítimas ainda se mantêm em uma situação de subalternidade sem romper o ciclo da violência, como é o caso da personagem que é interpelada por vários fatores de exclusão social.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista de Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Brasil, Ministério da saúde. **HIV/AIDS**. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-hiv>. Acesso em: 12 out. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 144 p.

CEVASCO, Maria Elisa. **Literatura e Estudos Culturais**. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 319-325.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C.L; NUNES, I.R. (orgs.). **Escrivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.26-47.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. 116 p.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. **Clacso**: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, p. 107-142, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/62075/36367>. Acesso em: 04 out.. 2025.

REBOLHO, Ana Claudia Figueiredo. **Estudo bibliográfico das atitudes e comportamentos ligados à prostituição da Pré-História aos dias atuais**. 2015. 264 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2015.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de Fala**. 10. ed. São Paulo: Jandaíra: Sueli Carneiro, 2023. 112 p.